



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechinha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

Leopoldi Sávio, José

As relações de gênero entre os caçadores-coletores

Sociedade e Cultura, vol. 7, núm. 1, 2004, pp. 61-73

Universidade Federal de Goiás

Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70370105>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As relações de gênero entre os caçadores-coletores

JOSÉ SÁVIO LEOPOLDI*

Resumo : Entre os caçadores-coletores encontram-se os grupos mais igualitários, no sentido de que apresentam pequena diferenciação de status, prestígio, poder e propriedade entre os seus membros. Aí buscou-se também configurar uma maior igualdade entre os sexos, mas, apesar de muita polêmica sobre o assunto, percebe-se que não é entre os caçadores-coletores que os gêneros se equivalem em termos de valor simbólico associado às suas atividades. Como acontece em virtualmente todas as sociedades tradicionais, o homem detém maior poder e suas tarefas são mais valorizadas. A despeito da grande importância do papel feminino em várias instâncias da vida social e econômica – algumas vezes superando a contribuição masculina –, as atividades da caça e da guerra colocaram decisivamente o poder na mão dos homens entre os caçadores-coletores.

Palavras-chave : caçadores-coletores, sociedades tribais, relações de gênero, igualdade.

Se eu fosse produzir uma pintura simbólica sobre um indivíduo !Kung que fosse homem, pai e chefe de família eu o mostraria levando a família inteira e os instrumentos necessários a sua subsistência nas costas e nos braços. [...] Quando o velho pai de uma família extensa morre, a chefia daquela família particular também acaba. Eu acredito que a chefia é tão fortemente associada aos homens entre os !Kung que uma mãe viúva é normalmente considerada não mais que uma pessoa incapacitada devido a morte do chefe da família. (Marshall, 1960, p. 345)

A idealização dos grupos caçadores-coletores e sua associação com a imagem do “bom selvagem” permeia com frequência as discussões sobre esses grupos, que parecem apresentar características consideradas muito positivas em termos de uma vivência social igualitária. Mas há também reações contra o excesso de positividade com que, às vezes,

esses mesmos grupos são apreciados. Referindo-se à conhecida obra organizada por Richard Lee e Irven DeVore, *Man the hunter*, publicada em 1968, Robert Foley salienta que

o livro trouxe os caçadores-coletores a sua atual posição que os equipara aos ‘bons selvagens’ de Rousseau e à ‘sociedade afluyente original’ de Sol Tax. [...] Caça e coleta tornaram-se atividades centrais na evolução humana, e as perspectivas fundamentais de vários capítulos do livro tornaram-se axiomas para nossa compreensão da evolução dos hominídeos – ou seja, a caça e a coleta permitiam um modo de vida estável e em harmonia com o meio ambiente; e, apesar da atividade de caça aparecer como um componente básico do comportamento social, o elemento mais crítico era a totalidade dos empreendimentos de caça e coleta, de modo que a divisão de trabalho e o compartilhamento dos alimentos tornaram-se as instâncias decisivas da evolução humana. De maneira geral, os estudos de evolução humana direcionaram-se [...] para uma abordagem na qual a evolução humana passou a ser a evolução adaptativa dos caçadores-coletores. (Foley, 1991, p. 207)

* Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (RJ). E-mail: jsleopdi@uninet.com.br

E o próprio Richard Lee, ao examinar os grupos caçadores-coletores de uma perspectiva marxista, considera que o compartilhamento de bens, itens de alimentação e também de poder que eles praticam é suficiente para caracterizar o seu sistema de produção como uma forma de “comunismo primitivo”. No entanto, reconhece que seria um erro considerar os grupos caçadores-coletores como se fossem “bons selvagens”, no sentido de viverem uma vida livre dos problemas básicos da existência humana. Eles também apresentam, como qualquer sociedade, sérias contradições internas para dar conta de um modo de vida marcadamente coletivo que apresenta problemas extremamente desafiadores. E, ainda que as demandas sociais sejam razoavelmente satisfeitas a ponto de trazer recompensa aos indivíduos que procedem de acordo com o que deles se espera, o processo não deixa de cobrar deles um preço elevado, já que têm de abrir mão de satisfações pessoais que procuram impor-se, a expensas da coletividade. Nesse ponto, Lee é enfático: “Duvido que qualquer !Kung tenha-se libertado completamente de seus impulsos egoístas; de modo que uma tensão para se conformar com as exigências sociais continua por toda a vida” (Lee, 1989, p. 55). Não obstante essas observações, que seguramente seriam endossadas por qualquer estudioso dos grupos caçadores-coletores, percebe-se ainda, com não moderada assiduidade, uma tendência a considerar tais grupos na linha do “bom-selvagismo” que freqüentou com alguma assiduidade os trabalhos sobre grupos tribais de economia predominantemente agrícola, particularmente quando eram escassas as pesquisas sobre os caçadores-coletores. Dessa maneira, esses grupos têm passado, em larga medida, a desempenhar o papel de novos “bons selvagens”, observados agora não por missionários desejosos de encontrar o “primitivo puro”, mas por pesquisadores profissionais, que falam e escrevem com a autoridade antropológica que o mundo acadêmico lhes confere.

A relação dos caçadores-coletores com o “bom selvagem” fica mais transparente quando se discute a questão das relações de gênero, com ênfase na tentativa de homogeneização dos status masculino e feminino. A impertinência de se tratar as relações entre homens e mulhe-

res como relações entre iguais nesses grupos já se torna evidente quando tal tópico é deixado à margem das características geralmente mencionadas quando os caçadores-coletores são associados à ideologia do igualitarismo. É o que se nota, por exemplo, na síntese produzida por Eleanor Leacock e Richard Lee, ao registrarem as similaridades que ocorrem entre os grupos caçadores-coletores. Elas incluem padrões semelhantes de compartilhamento, forte disposição para coibir qualquer manifestação que envolva uma postura autoritária, ênfase na importância da cooperação, ao mesmo tempo em que se observa um grande respeito pela individualidade. Nota-se ainda uma marcante flexibilidade na composição dos grupos, bem como na autonomia quanto aos arranjos para fazer face às questões práticas da vida no acampamento, além de uma extrema liberdade – que beira mesmo à permissividade – quanto à criação das crianças. Notam-se também procedimentos comuns para lidar com conflitos e reforçar a coesão grupal, entre os quais se destacam a maneira impiedosa de importunar e zombar dos indivíduos envolvidos em sérias disputas ou desavenças, bem como outras práticas de ridicularização e escárnio que visam desarmar potenciais antagonismos (Leacock e Lee, 1989, p. 7-8).

Referências mais diretas, sobre as diferenças entre os sexos entre os caçadores-coletores, se não são freqüentes, são, no entanto, suficientes para deixar claro que não é olhando para o passado que a humanidade vai aprender a reduzir aquelas diferenças. Como observa Marjorie Shostak, ao escrever sobre as memórias de infância de uma mulher !Kung,

A descrição de Nisa sobre a maneira como as meninas aprendem sobre sexo e sobre sua relação com o marido Tashay sugere que relações entre os sexos não são igualitárias, e que os homens, devido a sua maior força, têm poder e podem realizar seus desejos em relação às mulheres. Isto confirma o que Lorna Marshall deixou evidente, isto é, que o status dos homens é mais elevado do que os das mulheres. (Shostak, 1976, p. 277)

Os que procuram realçar o status da mulher nos grupos caçadores-coletores distin-

quem sua incontestada capacidade de trabalho, bem como sua destacada contribuição à dieta alimentar através dos itens de coleta. Na realidade, mensurações tanto de peso dos produtos coletados, como de sua composição calórica, têm mostrado que a maior parte da alimentação de qualquer família é resultante do trabalho feminino. Dados disponíveis sobre os !Kung ilustram esse aspecto. Como acontece em todas as sociedades caçadoras-coletoras, os homens caçam e as mulheres coletam. A coleta é responsável por dois terços da dieta do grupo, enquanto a carne de caça recobre um terço dela. Talvez não seja preciso destacar que nem todo o material coletado é feito exclusivamente pelas mulheres, já que os homens não são impedidos de realizar essa atividade. Eles também contribuem, ainda que modestamente, com a coleta de produtos, mas o resultado desse trabalho chega a cerca de 20% de todo o alimento coletado. Porém, quando se examina a contribuição total feita por cada sexo, a diferença em termos de resultado do trabalho apresenta-se mais reduzida. Como registra Richard Lee, os homens produzem cerca de 44% e as mulheres 56% da quantidade calórica dos produtos trazidos para o acampamento. Considerando, no entanto, o trabalho despendido e a produtividade alcançada por homens e mulheres, a diferença em termos de contribuição alimentar apresenta nova configuração em termos de gênero. Por um lado, os homens desenvolvem um trabalho mais extensivo com relação à questão da produção de alimentos do que as mulheres – cerca de 2,7 dias de trabalho masculino para cada 2,1 dias de atividades femininas dedicados ao sustento do grupo. Por outro lado, observa-se que tanto a produção coletiva das mulheres, como a de cada uma em particular, é maior do que aquela que resulta do trabalho dos homens (Lee, 1989, p. 39-40).

O reconhecimento do trabalho da mulher não deixa de se tornar evidente em qualquer grupo de caçadores-coletores, e isso é reforçado pelo fato de que uma das qualidades mais esperadas da mulher em vias de ser cogitada para o casamento é exatamente sua capacidade de trabalho e sua competência como coletora, tarefa que é freqüentemente minimizada em face da importância do trabalho de caça reali-

zado pelos homens. Mas nem é preciso lançar mão desse tipo de observação para atestar a importância da mulher nas sociedades de caçadores-coletores ou em qualquer outro tipo de sociedade. Aliás, a mulher é evidentemente sempre importante em qualquer contexto, independentemente do tipo de trabalho que execute ou de sua contribuição à esfera produtiva. A questão que deve, na realidade, ser discutida não é a da importância da mulher ou do trabalho feminino, mas, sim, como a sociedade percebe – independentemente do resultado concreto do trabalho – a importância da contribuição dos dois sexos para a vida da comunidade e em que medida lhes atribui maior ou menor valor simbólico. “Desigualdade e dominação não são meros artefatos do discurso antropológico. Eles também são simbolicamente criados e mantidos nas sociedades de pequena escala com as quais trabalhamos”, diz James Flanagan. “Nós devemos não apenas produzir registros cuidadosos das várias contribuições feitas por ambos os sexos à subsistência do grupo, mas também estarmos atentos aos valores culturais relacionados a essas contribuições e a suas configurações simbólicas” (Flanagan, 1989, p. 252-253).

A análise desse processo é que vai mostrar por que e em que grau se diferenciam os status do homem e da mulher. Nas sociedades caçadoras-coletoras, além de sua importante participação na dieta alimentar, a mulher não só se destaca na criação dos filhos, mas também como agente exclusiva do nascimento deles, já que normalmente dá à luz sozinha, fora do acampamento.¹ Isto lhe confere um papel que também é lembrado como prova do “poder” feminino, uma vez que é ela que vai decidir – se a decisão

1. “De dia ou de noite, mesmo que a mata ao redor do acampamento apresente algum perigo, seja devido à presença de animais ferozes, seja dos espíritos dos mortos, as mulheres dos grupos caçadores-coletores dão à luz sozinhas agachadas em algum lugar considerado adequado. Ela não diz a ninguém aonde vai nem pede qualquer tipo de ajuda porque essa é a lei que vigora naqueles grupos. Exceções, no entanto, ocorrem quando a menina vai ter o primeiro filho, caso em que pode ser ajudada pela mãe, ou quando o parto por alguma razão, como o que se segue a uma gravidez complicada, é previsivelmente difícil ou arriscado, e nesta circunstância a mãe ou outra mulher muito chegada à parturiente pode ser chamada a assistir o parto” (Thomas, 1989, p. 156-157).

for necessária – se a criança deve ou não continuar vivendo. Além de cuidadoso exame para verificar a existência de alguma má formação no recém-nascido – caso em que o enterra imediatamente junto com a placenta –, cabe também à mulher, se o grupo pratica o infanticídio, resolver se o adota ou não, após algumas considerações sobre a conveniência do aumento da família. “Ao excluir os homens dos procedimentos do parto as mulheres podem, ao retornar ao acampamento, noticiar que a criança nasceu morta sem medo de cair em contradição” (Lee, 1989, p. 42). Evidentemente, a comunidade e especialmente a família seguramente já terão feito alguma sugestão ou algum tipo de pressão favorecendo esta ou aquela opção, mas ao final cabe exclusivamente à mulher decidir sobre o destino da criança.

Portanto, em maior ou menor escala, nesta ou naquela atividade econômica ou social – para não mencionar as atribuições que são sempre do sexo feminino, como a amamentação, os cuidados com as crianças menores e sua socialização –, a mulher sempre desempenha tarefas que a sociedade reconhece e valoriza. Mas é preciso, como já foi mencionado, distinguir – o que nem sempre é feito, resultando em infundadas injunções – entre as atividades e o trabalho que cabem à mulher e o status que ela ostenta no contexto considerado, coisas que geralmente não se dimensionam nas mesmas proporções. De qualquer maneira, ela estará sempre desempenhando um papel socialmente importante, exercendo algum tipo de influência sobre a família e a comunidade, mesmo que seja “simplesmente” mãe e, como tal, “apenas” responsável pelos cuidados da casa e das crianças. Mesmo nesse caso, só o fato de aparecer como o principal agente socializador dos infantes mostra como ela ajuda a moldar os futuros adultos e líderes do seu grupo. E, se o trabalho feminino resulta em contribuição bastante destacada no setor de alimentação – seguramente o mais valorizado entre os caçadores-coletores –, é natural que sua importância seja reconhecida pelos seus pares e, conseqüentemente, desempenhe um papel também valorizado pela comunidade.

É o que afirma Richard Lee ao responder à questão que ele mesmo apresenta sobre o

assunto acerca do papel predominante das mulheres no que respeita à produção, bem como sua inegável importância tanto na vida da família, quanto da comunidade, contextos em que compartilham tarefas e obrigações com os homens. Esses papéis destacados das mulheres e o reconhecimento que recebem da coletividade levá-las-iam também a uma posição com algum tipo de poder na arena política? Em termos comparativos, se se consideram as mulheres tanto da maioria dos grupos tribais, quanto do mundo camponês ou das sociedades industriais, pode-se considerar que as mulheres !Kung têm, sim, maior participação e influência nas discussões coletivas e também nas tomadas de decisões do grupo. Nesse caso, a comparação é feita entre as mulheres dos grupos caçadores-coletores e as de outros contextos sociais. Quando aquelas são confrontadas com os papéis masculinos do mesmo grupo, no entanto, e apesar do destaque dado à sua contribuição na produção econômica, o próprio Lee admite que “o nível de sua participação não é idêntico ao dos homens. Estes produzem cerca de dois terços das discussões que envolvem ambos os sexos, e agem como porta-vozes do grupo muito mais freqüentemente do que as mulheres. A disparidade entre homens e mulheres fica muito mais evidente quando as discussões e os debates dizem respeito à violência”, apesar de que violências sexuais, como o estupro, constituam práticas incomuns entre os !Kung.² “E quando

2. Com relação à violência sexual, a situação entre os Hadza da Tanzânia é bem diferente da que se apresenta entre os !Kung. Os homens Hadza valorizam enormemente o intercuro sexual e as mulheres que se aventuram desacompanhadas fora do acampamento correm sério perigo de serem estupradas. Encontrar então um homem de outra tribo é seguramente muito mais perigoso, pois nesse caso há também o risco de morte. Os Tatoga, por exemplo, adquirem elevado status no seu grupo se matarem uma pessoa de outra tribo ou um leão. E não importa se a pessoa for homem ou mulher. A mão direita da vítima é amputada para ser levada à aldeia como evidência do acontecido. E como as mulheres não possuem armas com que se defender, conseqüentemente têm medo de se deslocarem sozinhas pelo mato em face do perigo que a aventura acarreta. Mesmo os homens Hadza nunca se arriscam a andar pelo mato sozinhos e desarmados. Também entre os G/wi do deserto de Kalahari, na Botswana, ao sul do continente africano, o estupro também acontece. E aqui o julgamento da situação às vezes favorece o estuprador por ele ter sido “provocado” pela vítima, enquanto a menina é criticada por ter “causado” uma situação que não estava preparada para enfrentar (cf. Silberbauer, 1972, p. 318).

o assunto é política, os homens falam mais que as mulheres, de modo que minha impressão é que em termos gerais sua influência em questões 'publicas' é maior [...]" (Lee, 1989, p. 48-49).

Mesmo considerando que as diferenças entre a atuação masculina e a feminina traduzem-se às vezes em uma dedicação maior da mulher, é preciso lembrar que as distinções entre "importância" – relativa a uma participação qualificada em face de uma tarefa específica – e status, como já foi mencionado, não caminham necessariamente juntas. Por isso parece estranha a "curiosidade" com que Richard Lee observa a maior valorização do resultado do trabalho masculino de caça do que do feminino, já que a coletora, na prática, é maior provedora do que o caçador e o produto da coleta constitui, na realidade, a base do regime alimentar. "Tendo em vista a maior importância do alimento coletado na dieta é curioso que todos os !Kung, homens e mulheres, valorizam a carne bem mais que os vegetais", diz ele, com aparente espanto. Mas ele sabe muito bem como os caçadores-coletores manifestam um ardente desejo de consumir carne, independentemente de haver ainda no acampamento produtos de coleta em abundância. Isso é compatível com o que acontece nas ocasiões em que grandes animais são abatidos: elas são geralmente marcadas por festas, danças e oferendas da carne do animal abatido como presente. Então, o próprio Lee levanta uma hipótese bastante provável para justificar o maior valor atribuído à carne na dieta alimentar, particularmente se se trata de um animal de grande porte – mais facilmente encontrado antes das devastações florestais que desde há algum tempo têm ameaçado a existência de várias espécies.³ Nesse caso, a carne alimenta não só todo o grupo local, mas também indivíduos estabelecidos em acampamentos próximos, sempre atentos à possibilidade de desfrutar do resultado de uma boa caçada e, como tal, dispostos a realizar prolongadas e inesperadas visitas ao grupo do feliz caçador, na certeza de que vão saborear o cobiçado

repasto em pé de igualdade com seus componentes. Segundo Lee,

Como a carne de animais é escassa e sua obtenção imprevisível em comparação com os produtos coletados, talvez não seja uma grande surpresa perceber que a caça é investida de um maior significado simbólico do que a coleta. E não se deve esquecer também que a caça fornece nutrientes essenciais como as proteínas de alta qualidade, que não estão disponíveis nos alimentos vegetais. (Lee, 1989, p. 40-41)

O status, portanto, da mulher, tanto na sociedade !Kung, quanto em qualquer outra sociedade de caçadores-coletores, não está necessariamente vinculado ao seu papel como provedora, por maior importância que o alimento tenha, tanto em termos nutricionais, quanto sociais.⁴ E tanto nos grupos caçadores-coletores, como praticamente em qualquer outro contexto social, de uma perspectiva abrangente – isto é, considerados a sociedade como um todo e o conjunto de papéis masculinos e femininos –, o homem desfruta inequivocamente de status mais elevado do que a mulher. Em outras palavras, em termos gerais, o papel masculino acaba sendo mais valorizado que o feminino independentemente do quadro comparativo relacionado às suas habilidades, desempenhos e maior contribuição ao processo produtivo ou a qualquer outra área. Nas sociedades caçadoras-coletoras, os homens é que caçam e, independentemente da qualidade ou quantidade de carne trazida para o acampamento, este é o trabalho mais valorizado pelo grupo, já que é o alimento mais completo e mais cobiçado.

Caçar, especialmente caçar bem, significa ter prestígio e o poder que ele suscita, por mais diluído que seja. Segundo Richard Leakey e Roger Lewin,

o que quer que tenha elevado a carne à sua posição de prestígio nas sociedades de cole-

3. Os caçadores-coletores da atualidade das áreas tropicais não se abastecem mais de maneira farta com a carne de grandes mamíferos, que agora constitui apenas ocasional – e cada vez mais raro – alimento da dieta daqueles grupos (cf. Foley, 1982, p. 394).

4. Cf. Elman Service: "Desde que a comida, em contraste com as armas e outros bens duráveis, é a grande necessidade e desde que a comensalidade subentende uma íntima sociabilidade familiar, os alimentos são o bem, de longe, mais frequentemente repartido, a fim de promover ou incrementar a sociabilidade entre pessoas distantes relacionadas ou aparentadas" (Service, 1971, p. 31).

tores-caçadores, incidentalmente colocou o poder político e social nas mãos dos homens e não das mulheres. [...] Quanto mais importante for a carne em suas vidas, maior será a predominância do poder masculino. (Leakey e Lewin, 1996, p. 219-220)⁵

Comparando o resultado do trabalho de coleta com o de caça, do ponto de vista da sociedade !Kung, Lorna Marshall observa como o alimento vegetal é desvalorizado em termos de sabor, textura e sentimento de satisfação, em contraste com a ingestão da carne. Além disso, considera algumas reações às atividades de coleta e de caça, para marcar bem os aspectos simbólicos que estão nelas investidos.

Não há nada de esplendoroso no fato de alguém trazer vegetais e lenha para o acampamento. Já o retorno dos caçadores é muito diferente. O desejo intenso por carne, a inquietação e incerteza que envolvem a caçada, a enorme excitação em torno da morte do animal e, finalmente, o consumo e a satisfação obtida, tudo isso atinge o âmago das pessoas e provoca intensas emoções nos caçadores-coletores. (Marshall, 1959, p. 363)

São os homens também que se encarregam da proteção à comunidade contra possíveis agressões de grupos vizinhos, bem como fazem valer de maneira mais ostensiva a “lei indígena”, reprimindo lideranças que exibem características que desafiam o padrão cultural do grupo – como a tendência ao autoritarismo. Em casos extremos, são eles que promovem a execução de indivíduos que ultrapassam os limites tolerados de comportamento, quer quanto à arrogância, a um forte desejo de acumulação e à ambição, quer quanto à resistência desmesurada à prática do compartilhamento. E cabe ainda aos homens exercerem, praticamente sem exceção, as atividades públicas de líder e porta-voz da sua família e do seu bando, de interlocutor com outras lideranças da sua sociedade ou alienígenas, bem

como frequentemente buscam resolver, se preciso for pelo uso da força, disputas que envolvem pessoas do seu grupo familiar. E, como têm mais influência na vida da comunidade do que a mulher, eles têm também a última palavra na modelação de valores, usos e costumes, enfim, na construção da “lei indígena”.

Este último ponto é ressaltado por Service para justificar o domínio masculino sobre o feminino entre os caçadores-coletores em consonância com a troca de mulheres propiciada pelo casamento exogâmico entre diferentes grupos, particularmente os que praticam a regra de residência virilocal, segundo a qual a mulher, após o casamento, muda-se para o acampamento onde residem o marido e o sogro. Segundo Service,

o bando virilocal-patrilocal é a forma usual de sociedade em nível de bando. [...] As mulheres são os ‘presentes’ de um bando a outro, trocadas reciprocamente como uma forma de fazer alianças, simplesmente porque os homens são tão dominantes na sociedade de caçadores e coletores: são eles que fazem as leis. (Service, 1971, p. 56, grifo nosso)

Mesmo no âmbito doméstico, onde se efetivam os padrões de reforço de comportamento, o papel do homem, especialmente dos mais velhos, é o que predomina. “Aos homens, em geral, é conferido maior respeito, nesse contexto, do que às mulheres; também porque, possivelmente, os homens estão ordinariamente mais ocupados em situações ‘políticas’ fora do círculo familiar do que as mulheres” (Service, 1971, p. 571).

Ao contrário do que acontece na esfera pública, no ambiente doméstico, particularmente nas sociedades caçadoras-coletoras com economia de retorno imediato, a questão da autoridade doméstica é bastante mais equilibrada, especialmente, como já vimos, com respeito ao processo de produção.⁶ Evidentemente, tendo

5. Cf. ainda: “O status da mulher diminui ainda mais quando entramos em áreas que reforçam economias baseadas cada vez mais na carne. Os esquimós, entre os quais praticamente toda a coleta de alimentos é realizada pelos homens, espelham a dominação masculina sobre as mulheres. As mulheres esquimós atuam num mundo doméstico, no qual suas vidas social e sexual são totalmente dominadas pelos desejos dos homens” (Leakey e Lewin, 1996, p. 220).

6. Para James Woodburn, o processo de produção, via de regra, não é controlado e dirigido pelo chefe da família, mas, se for, o controle não é feito de forma autoritária, a ponto de ser mais bem descrito como um trabalho coordenado, levando-se em conta o consenso que se estabelece em torno dele. Dessa perspectiva, segundo o antropólogo, entre os Hadza, da Tanzânia, grupo com que realizou trabalho de campo, não há efetivamente chefes de família (cf. Woodburn, 1982, p. 439).

tanta importância na atividade econômica quanto na doméstica, vale dizer, na coleta e no preparo dos itens de alimentação, bem como no cuidado e criação dos filhos, pode-se verificar que em inúmeras ocasiões a mulher “manda” mais que o marido e essas questões – em todo o caso, socialmente menos valorizadas – são frequentemente lembradas por aqueles que se deslumbram com o “poder” das mulheres nas sociedades caçadoras-coletoras. As decisões mais importantes envolvendo a família, como no caso de mudança de local do acampamento, no entanto, são os homens que as tomam. Em outras situações, como o casamento dos filhos e filhas, a situação parece mais equilibrada,⁷ ainda que, no caso destas, um irmão mais velho possa desempenhar papel muito importante. Desnecessário enfatizar que, antes de qualquer decisão, há sempre conversas, trocas de informações, manifestação de opiniões, de modo que as mulheres acabam também perfazendo um grupo significativo de pressão em face de qualquer decisão a ser tomada. Mas, nos assuntos mais importantes aos olhos da comunidade, cabe ao homem um peso maior nas discussões e decisões, peso que aumenta consideravelmente se fizer parte do grupo dos mais velhos.

Quanto ao resultado do trabalho de coleta, este não permite à mulher uma tal variedade de desempenho como acontece com o de caça, feito pelos homens. Isto é, a diferença entre uma excelente coletora e uma medíocre, embora seja reconhecida pela família e pela comunidade, não cria tanta diferença em termos de resultado do trabalho como a que existe entre um mau e um bom caçador. A medíocre coletora sempre coleta alguma coisa, pois frequentemente sua tarefa não exige grandes esforços; já o mau caçador volta quase sempre de mãos vazias para o acampamento, enquanto o bom caçador, quando abate uma caça de grande porte, não só

alimenta todo o grupo e cria uma situação de socialização positiva dentro dele, com tem seu trabalho extremamente valorizado, já que a carne é considerada o alimento por excelência entre os caçadores-coletores. Para mostrar como o grupo festeja o bom caçador, Lorna Marshall conta que

Um jovem !Kung, que era conhecido como o melhor caçador da região, tinha sido atacado por um magnífico avestruz macho numa grande e limpa depressão do terreno onde não podia se beneficiar de nenhum abrigo. Ele então se ajoelhou, e mirou no animal enquanto aguardava que ele se aproximasse até uma distância razoável para fazer o disparo, tendo alojado a flecha bem no seu coração. De volta ao acampamento, enquanto a carne estava sendo cortada e distribuída pela mulher do seu irmão, ele descansava exausto num montículo de plumagens pretas e brancas que haviam sido retiradas do avestruz, enquanto as mulheres, algumas das quais exibiam plumas no cabelo, dançavam à sua volta em homenagem ao seu feito. Este é o papel dos homens !Kung e isso é o que deve ser feito. (Marshall, 1959, p. 364-365)

Outro aspecto que marca a diferença entre o homem e a mulher é a questão do infanticídio,⁸ que não é incomum entre os caçadores-coletores. Já vimos que a parturiente é a única pessoa que tem todo o poder de decisão sobre a vida do recém-nascido se alguma má formação é percebida nele depois de acurado exame, ou se outras considerações aconselharem sua morte. Referindo-se a tal prática entre os !Kung, que aparentemente não discriminam entre os recém-nascidos, Nancy Howel relata que o infanticídio é praticado pelas mulheres !Kung quando em sua opinião ele é necessário, ou seja: em todos os casos de bebês nascidos com defeito, um de cada par de gêmeos, algumas vezes quando o nascimento de uma criança acontece muito próximo de outro, de modo que este teria que

7. “Os pais geralmente são responsáveis para concertar o primeiro casamento e também os seguintes se o casal for ainda jovem, mas sua decisão não é inquestionável. Se a menina se opõe a ele de forma muito categórica ele pode não se realizar” (Shostak, 1976, p. 275). Cf. também Lorna Marshall: “Embora haja uma leve ênfase de cunho paternal na sociedade !Kung, na qual se reconhece a descendência de forma bilateral e o pai dá nome a todas as crianças, sua autoridade não se impõe de maneira decisiva sobre a da mãe no que concerne à escolha do cônjuge para os filhos” (Marshall, 1959, p. 348).

8. “O infanticídio pode ferir a sensibilidade das pessoas acostumadas com a moderna cultura ocidental, na qual a vida é sacrossanta a qualquer custo, e muitas vezes o preço de um ato como esse pode ser alto demais; porém temos que concluir que o infanticídio sistemático deve ter sido muito comum durante a demorada evolução humana. Assim exigia a mobilidade do modo de vida nômade dos coletores-caçadores” (Leakey e R. Lewin, 1996, p.110).

beber o leite do irmão, ou irmã, mais velho; ou ainda quando a mulher sente que ela já está suficientemente velha para produzir leite necessário para amamentar uma nova criança. A mulher tem autonomia para tomar a decisão final no que concerne ao infanticídio, particularmente quando dá à luz sozinha, não havendo ninguém que possa contradizer o relato de seu parto quando retorna ao acampamento.⁹

O problema do crescimento populacional além de certos limites é uma preocupação constante entre os diferentes grupos, mesmo porque as regras de abstinência sexual não são suficientes – ou não são suficientemente seguidas – para manter aquele crescimento sob estrito controle. Para Richard Leakey e Roger Lewin, “não é motivo de surpresa, portanto, que o aborto e o infanticídio (especialmente de bebês do sexo feminino) sejam comuns, embora muito velados, na vida dos coletores-caçadores” (1996, p. 510). As mulheres têm poder de decisão nesse momento, mas obviamente são influenciadas pelas opiniões das pessoas com as quais convivem, como atendem a um padrão existente em torno do infanticídio. E, nesse caso, mais comumente, optam pela eliminação da criança se ela for do sexo feminino.

Destacando o papel do infanticídio como instrumento para o necessário controle populacional numa sociedade como a dos caçadores-coletores, cujos grupos só podem acolher um número bastante limitado de indivíduos, se comparados com sociedades sedentárias com prática agrícola,¹⁰ J. Washburn e C. Lancaster afirmam que

9. “A prática sistemática de infanticídio tem sido um procedimento necessário para espaçar o nascimento de crianças. [...] Entre os caçadores mais modernos ele tende a vitimar preferencialmente as mulheres e provavelmente acontecia o mesmo durante o Pleistoceno” (Birdsell, 1968, p. 239). Cf. ainda: “O infanticídio feminino, particularmente nas populações caçadoras em situações desfavoráveis como os Esquimós, talvez seja a maneira mais eficiente de limitar o tamanho das famílias” (Deevey Jr., 1968, p. 288).

10. “Embora o número exato de pessoas nos acampamentos dos !Kung varie, a média dos grupos é em torno de 25. Este número acaba se tornando significativo para os caçadores-coletores, pois é a média do tamanho de bando para a grande maioria desses povos” (Leakey e Lewin, 1996, p. 111). Já a estimativa apresentada por Patricia Draper para o mesmo grupo varia entre 30 e 40 pessoas (cf. Draper, 1975, p. 94).

Se o número de pessoas que amadurecem em um determinado ano ou dois é pequeno, então poderá haver muitos machos sem companheiras ou muitas fêmeas sem provedor. O problema de fêmeas em excesso pode não parecer sério hoje em dia, mesmo em sociedades agrícolas, mas entre os caçadores essa era considerada uma questão tão drástica que o infanticídio feminino era praticado com bastante frequência. (Washburn e Lancaster, 1968, p. 302)

Isso significa dizer que o grupo está sempre mais preocupado com o excesso do contingente feminino sobre o masculino, provavelmente porque além de serem os homens que defendem a comunidade de qualquer perigo, particularmente de possíveis agressões que podem ser perpetradas por outros grupos, a razão mais óbvia é que são eles que caçam, provendo seu acampamento com o alimento mais precioso e cobiçado. E a quantidade de crianças a serem absorvidas pelo grupo tem de estar em consonância com a sua previsível capacidade produtiva para evitar que, particularmente nos períodos de escassez, o grupo como um todo venha a ser prejudicado pela falta de alimentação ocasionada pelo excesso de pessoas, em consequência do relaxamento das regras sobre o infanticídio.¹¹ O “cálculo” da relação positiva entre o número de caçadores e o contingente de pessoas a serem alimentadas é um dado básico para a questão do infanticídio. Segundo Birdsell,

o infanticídio era praticado como uma primeira forma de espaçamento de nascimento de crianças e era então programado em termos de efeitos populacionais de modo a haver suficientes caçadores para abastecer duas famílias, como se poderia esperar de um tipo de população como essa. Em outras palavras, presumo que o número de caçadores competentes disponíveis num período futuro era previsível. (Birdsell, 1968, p. 243-244)

Outro ponto a marcar a diferença entre os sexos nos grupos caçadores-coletores é a poli-

11. “Nada é mais crucial para o sucesso evolutivo do que a produção controlada do número de crianças que podem ser alimentadas. Esta afirmação presume que, pelo menos em condições extremas, essas necessidades e razões são óbvias às pessoas envolvidas na questão, como atesta o próprio infanticídio” (Washburn e Lancaster, 1968, p. 302-303).

ginia, que ocorre com bastante frequência entre eles. “O fato de um homem ter uma ou mais mulheres depende da sua habilidade como caçador e político: quanto mais habilidade ele possuir, maior número de mulheres poderá reivindicar” (Leakey e Lewin, 1996, p. 101).¹² Embora restrita àqueles que se destacam como líderes ou, especialmente, como caçadores, a poliginia tende a estimular os homens a desempenhar esses papéis com o mais elevado grau de competência.

Além da prática da poliginia, alguns episódios sobre o status feminino com relação ao casamento falam mais alto que qualquer teorização sobre o assunto. É o caso, por exemplo, quando a mulher se presta ao papel de “objeto de troca” – ainda que, aparentemente, com o seu consentimento – para atender os desejos do marido em algumas situações em que lhe convém trocar temporariamente sua mulher com outro homem que também tem interesse na permuta, ou mesmo para emprestá-la a um amigo.¹³ Em outros casos, a “oferta” de mulher pode estar relacionada a episódios políticos ou econômicos com grupos mais distantes ou mesmo potenciais inimigos, visando melhorar as relações com eles.

Em muitas ocasiões, as mulheres se tornam objeto de troca com o propósito de suavizar as etapas de uma transação ou de fortalecer as alianças em caso de hostilidade com outros grupos. Os Yanomami, cuja cultura conduz implacavelmente a repetidos combates uns com

os outros, usam abertamente as mulheres para fazer aliados, obrigando-as a se casarem em aldeias que seriam prováveis oponentes. (Leakey e Lewin, 1996, p. 115)

Já W. Stanner mostra como os Nangiomeri, da região do Rio Daly, no norte do continente australiano, ao estabelecerem relações com os colonizadores que se fixaram em terras vizinhas às que ocupavam, faziam com que suas mulheres se envolvessem com eles para usufruírem benefícios, fiando-se numa suposta relação de aliança intermediada por elas. As mulheres aborígenes, solteiras ou casadas, eram muito desejosas de se associarem aos europeus ou aos chineses. Embora sempre estivessem dispostas a uma aventura amorosa, elas tentavam por qualquer meio possível estabelecer uma relação mais duradoura. Seus companheiros, com poucas exceções, não só não se opunham como frequentemente as estimulavam a um tal arranjo, que sempre redundava em pagamento de tabaco, açúcar e chá, além de poder resultar na obtenção de uma renda fixa, se pudesse armar-se um fechado cerco em torno do incauto protetor. No momento em que um colono mantinha um relacionamento com uma mulher nativa, seus parentes e afins não demoravam a aparecer e lançar mão de todos os meios e tipos de pressão com vistas a fazerem parte da “facção” do protetor (cf. Stanner, 1964, p. 73).

O panorama que delineamos até este ponto parece suficiente para mostrar que, mesmo nas sociedades caçadoras-coletoras que são mais impregnadas pela ideologia do igualitarismo, as relações de gênero não se recobrem com o manto da igualdade.¹⁴ Mesmo nessas socieda-

12. Cf. ainda: “Os bosquimanos são políginos, e um homem pode, de acordo com o costume, ter quantas mulheres pode sustentar, o que depende de sua habilidade como caçador – usualmente um homem pode sustentar apenas uma mulher, algumas vezes duas (geralmente irmãs), mas uma vez ouvimos falar de um homem com quatro esposas. Por esta razão frequentemente existe mais mulheres que homens em um bando” (Thomas, 1989, p. 11).

13. “Dois homens podem concordar em trocar temporariamente suas esposas, desde que elas também concordem com o arranjo. Isso é visto como um assunto que diz respeito aos casais envolvidos, e não como algo que concerne à sociedade como um todo. Um homem disse: ‘Se você tiver vontade de dormir com a mulher de alguém, você o convida a dormir com a sua, de modo que nenhum dos dois vai tentar atacar o outro com uma flecha envenenada’. [...] Um homem num acampamento em Gam emprestou sua primeira esposa a um amigo solteiro porque ele estava apaixonado por sua segunda esposa e não se interessava mais pela outra [...]” (Marshall, 1959, p. 359-360).

14. Algumas sociedades caçadoras-coletoras, aliás, destacam-se exatamente por manifesta e acentuada desigualdade sexual, como é o caso dos Mardujarra do continente australiano. “Entre os povos caçadores-coletores do mundo os aborígenes australianos se destacam pelo grau elevado de desigualdade entre os gêneros bem como pelo controle exercido pela gerontocracia sobre valiosos bens, como é o caso das mulheres e do trabalho feito pelos jovens. [...] As mulheres Mardujarra têm claramente menos direitos e status inferior que os homens que as comprometem em casamento ainda criança; os maridos podem emprestá-las para desempenharem o papel de parceiras sexuais aos seus ‘irmãos’ ou utilizá-las como meio de compensação para alguma ofensa séria cometida para com outra pessoa. [...] E como os homens são considerados os ‘senhores’ de suas esposas, a violência doméstica raramente supõe a interferência de outros membros do grupo” (Tonkinson, 1991, p. 151-153).

des, o olhar atento e desvinculado de ideologias “politicamente corretas” não tem muita dificuldade em perceber que, em termos gerais, o homem é mais valorizado que a mulher e ostenta, conseqüentemente, um status mais elevado do que ela, a despeito de todo trabalho que ela executa, de toda competência que possa demonstrar na sua execução, da importância dos papéis que desempenha, de todo o valor que lhe é por isso atribuído e da imprescindibilidade que se reconhece nela.

Para corroborar esse quadro, cabe destacar algumas referências sobre os papéis masculino e feminino na sociedade !Kung registrados por Lorna Marshall, em seu trabalho sobre o casamento nessa sociedade.

As mulheres !Kung não são apenas preciosas companheiras; elas são as coletoras de alimento e contribuem para o sustento diário da casa mais do que os homens [...] Na sociedade !Kung, no entanto, a magnitude da contribuição das mulheres não as tornam dominantes. Há fatores que obviamente colocam os homens em posição de dominação e de liderança. O primeiro fator é indubitavelmente a força. Os homens !Kung são pequenos e delgados, mas são rijos e vigorosos. Com sua força eles carregam e protegem a vida do seu grupo. [...] Outro fator que favorece decididamente os homens é a natureza da prática da caça e o retorno que ela implica. [...] Em comparação aos homens, as mulheres são consideradas mais limitadas em termos de conhecimento, menos dispostas a encarar novas experiências e mais desconfiadas e apreensivas com relação aos estrangeiros. [...] As mulheres esperam desempenhar um papel dependente. Naturalmente, elas têm o que dizer nas conversas do dia-a-dia, mas não participam das sérias reuniões freqüentadas pelos homens, dizendo freqüentemente: “Isso é coisa de homem; nós não sabemos o que fazer. Eles é que devem decidir”. (Marshall, 1959, p. 364)

Lorna Marshall, porém, termina suas considerações com algumas frases que relativizam a dominação masculina ao afirmar que

A dominação dos homens !Kung sobre as mulheres tem um sentido mais protetor e provedor do que opressor. Em geral um bom equilíbrio parece permear as relações entre os

sexos, bem como se nota uma grande liberdade envolvendo discussões entre maridos e esposas. Os episódios de briga que foram mencionados constituem exceções no clima de paz que permeia suas bem-ajustadas relações. (Marshall, 1959, p. 364)¹⁵

Faltou apenas acrescentar que esse quadro de harmonia só pode fazer jus à realidade vivida entre homens e mulheres nos acampamentos dos grupos caçadores-coletores se a ele se juntar a seguinte observação: “Desde que cada um cumpra adequadamente suas tarefas e desempenhe bem os papéis que a sociedade lhe atribui, em suma, desde que cada um fique no lugar que lhe cabe, sem grandes veleidades igualitárias”, apesar de alguns esforços em outra direção. Um resumo a nosso ver mais realista das relações de gênero entre os caçadores-coletores é oferecido por Marjorie Shostak, ao afirmar que “as mulheres !Kung desfrutam de grande autonomia, mas os homens !Kung possuem algumas vantagens óbvias devido à valorização cultural de suas atividades, tanto econômicas quanto espirituais, e também em termos de uma maior influência quanto às decisões que afetam a vida do grupo” (Shostak, 1983, p. 243).

Por outro lado, destacando o fato de que as “relações entre os sexos podem estar na base de muitas outras formas de desigualdade” e após observar que “freqüentemente gênero é o idioma de dominação/subordinação”, James Flanagan considera que

se, por um lado, já não podemos tratar as mulheres como passivos peões em um jogo político masculino, por outro, não podemos

15. Nessa mesma linha de pensamento, Patricia Draper sintetiza a relação de gênero entre os mesmos !Kung da seguinte maneira: “Em suma, muitos dos aspectos organizacionais básicos dos grupos caçadores-coletores contribuem para uma relação descontrainda e igualitária entre homens e mulheres. O papel feminino no que concerne à subsistência é essencial à sobrevivência do grupo e satisfatório às mulheres. As observações que já foram feitas sobre tais grupos compuseram um quadro dentro do qual as relações igualitárias aparecem como uma conseqüência natural ou lógica. [...] Outras áreas que dizem respeito à influência e poder das mulheres concernem às relações matrimoniais, ao acesso a relações extraconjugais, à influência das mulheres jovens quanto à escolha de seus primeiros maridos [e] sobre sua trajetória de vida etc.” (Draper, 1975, p. 94 – grifo nosso).

também negar que estruturas de dominação existem e que os homens utilizam-se da dominação social ou religiosa para persuadir as mulheres a sujeitarem-se a seguir certas regras das quais elas querem ver-se livres. (Flanagan, 1989, p. 254-256)

Daí poder-se afirmar, com Alan Barnard e James Woodburn, que “diferenças sociais ancoradas na idade e na diferença sexual freqüentemente são as únicas dimensões nas quais a dominação fica evidente nas sociedades caçadoras-coletoras” (Barnard e Woodburn, 1991, p. 7).

O fato de que os principais atores sociais nessas sociedades sempre foram os homens e de que o poder – especialmente o poder ostensivo, exercido de maneira explícita – sempre se concentrou em mãos masculinas acabou produzindo uma discussão sobre o igualitarismo nessas sociedades que virtualmente ignorou em larga medida o papel da mulher. Elas eram, sim, sociedades igualitárias, mas cuja igualdade alicerçava-se basicamente numa “igualdade entre homens” (Flanagan, 1989, p. 261). Aqueles que, no entanto, conseguiram captar formas mais sutis de poder conseguiram perceber uma considerável participação da mulher naquelas sociedades. E um tal espaço muitas vezes mostrou o valor e o significado do papel feminino, um elemento que contribui decisivamente para a manutenção de um ambiente onde as desigualdades se reduzem consideravelmente. Ainda que, em termos das relações de gênero entre os caçadores-coletores, a desigualdade aponte para uma posição mais elevada do lado masculino, a mulher definitivamente não desempenha um papel marcado pela submissão ou passividade.

Um importante desdobramento de todo o processo que circunscreve as relações de gênero é a constatação de que um contexto essencialmente igualitário, como é o caso dos grupos caçadores-coletores com economia de retorno imediato, pode conviver com algumas desigualdades – como a que acontece entre homens e mulheres – sem que seja ameaçado o estatuto igualitário que fundamenta essas sociedades. Afinal, se não existem sociedades absolutamente igualitárias, é papel do pesquisador não dissimular

as desigualdades por mais desimportantes que possam parecer, mas ir ao encontro delas para compreender melhor a sua natureza e a relação que mantêm não só com outras instâncias da sociedade, como também com a sociedade como um todo. A igualdade que hoje se reconhece plenamente entre os indivíduos como seres humanos não os situa por isso, necessariamente, num mesmo nível de importância, nem lhes atribui igual status quando colocados no palco da vida social. Aqui homens e mulheres, para nos atermos aos contingentes a que nos estamos referindo, têm de representar os diferentes papéis que lhes cabem, sob as injunções tanto das culturas e organizações sociais que lhes alocam representações específicas, quanto das necessidades adaptativas e evolutivas que fizeram a espécie humana percorrer o longo caminho que a levou – para o bem ou para o mal – ao que ela é hoje.

Abstract: The most egalitarian groups are found among the hunter-gatherers, in the sense that their members exhibit the smallest differentiation regarding status, prestige, power and property. In those groups one also looked for a larger equality among the sexes but in spite of a lot of controversy on the subject, it is noticed that it is not among the hunter-gatherers that the genders are equal in terms of symbolic value associate to their activities. There, as happens in virtually all traditional societies, the man has more power and his tasks are more valued. In spite of the great importance of the role played by women in several instances of social and economic life – sometimes overcoming the masculine contribution – the activities linked to the hunt and the war put the power decisively in the men's hand among the hunter-gatherers.

Key-words: hunter-gatherers, tribal societies, gender relationships, equality.

Referências

BARNARD, Alan; WOODBURN, James. Property rights, power and ideology in hunting and gathering societies: an introduction. In: INGOLD, Tim, RICHES, D.; WOODBURN, J. (Eds.) *Hunters and gatherers – property, power and ideology*. New York: Berg, 1991.

BIRDELL, Joseph B. Predictions for the Pleistocene based on equilibrium systems among hunter-gatherers; Population control factors: infanticide, disease, nutrition, and food supply – Discussions.

In: LEE, Richard B.; DEVORE, Irven (Eds.) *Man the hunter*. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

_____. Population control factors: infanticide, disease, nutrition, and food supply – Discussions. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven (Eds.) *Man the hunter*. New York, Aldine de Gruyter, 1968.

CASHDAN, Elizabeth. Egalitarianism among hunters and gatherers. *American Anthropologist*, v. 82, 1980.

DEEVEY Jr., Edward. Pleistocene family planning – Discussions. In: LEE, Richard B.; DeVORE Irven (Eds.) *Man the hunter*. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

DRAPER, Patricia. !Kung women: contracts in sexual egalitarianism in foraging and sedentary contexts. In: REITER, Rayna R. (Ed.) *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Review, 1975.

FLANAGAN, James G. Hierarchy in simple “egalitarian” societies. *Annual Review of Anthropology*, vol. 18, 1989.

FOLEY, Robert. A reconsideration of the role of predation on large mammals in tropical hunter-gatherer adaptation. *Man*, vol. 17, n. 3, 1982.

_____. Hominids, humans and hunt-gatherers: an evolutionary perspective. In: INGOLD, T.; RICHES, D.; WOODBURN, J. (Eds.) *Hunters and gatherers*. New York: Berg, 1991, v. 1.

GARDNER, Peter M. The Paliyans. In: BICCHIERI, M. G. (Ed.) *Hunters and gatherers today*. New York: Holt, Linehart and Winston, 1972.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Negara – o estado teatro no século XIX*. Lisboa: Difel, 1991.

GIBSON, Thomnas. Meat sharing as a political ritual: forms of transaction versus modes of subsistence. In: INGOLD, Tim et al. (Eds.) *Hunters and gatherers*. New York: Berg, 1991, v. 2.

HOWEL, Nancy. The population of the Dobe Area !Kung. In: LEE, Richard. B.; DeVORE, Irven (Eds.) *Kalahari hunter-gatherers – studies of the !Kung San and their neighbors*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

KAPLAN, H.; HILL, K.. Hunting ability and reproductive success among male foragers: preliminary results. *Current anthropology*, v. 26, n. 1, 1985.

KEEN, Ian. Yolngu religious property. In: INGOLD, Tim et al. (Eds.) *Hunters and gatherers*. New York: Berg, 1991, v. 2.

KELLY, Robert L. The foraging spectrum: diversity in hunter-gatherer lifeways. Washington: Smithsonian Institution Press, 1995.

LAUGHLIN, William S. Hunting: an integrating biobehavior system and its evolutionary importance. In: LEE, Richard B.; DeVORE Irven (Eds.) *Man the hunter*. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

LEACOCK, Eleanor; LEE, Richard. Introduction. In: LEACOCK, E.; LEE, R. (Eds.) *Politics and history in band societies*. Cambridge: The University Press, 1982.

LEAKEY, Richard E.; LEWIN, Roger. O povo do lago – o homem: suas origens, natureza e futuro. Brasília: Editora da Universidade, 1996.

LEE, Richard B. Eating Christmas in the Kalahari. *Natural History*, vol. 78, 1969.

_____. *The Dobe !Kung*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1984.

_____. Politics, sexual and non-sexual, in an egalitarian society. In: LEACOCK, Eleanor; LEE, R. (Eds.) *Politics and history in band societies*. Cambridge: The University Press, 1989.

_____. Reflections on primitive communism. In: INGOLD, Tim; RICHES, D.; WOODBURN, J. (Eds.) *Hunters and gatherers: history, evolution and social change*. New York: Berg, 1991, v. 1.

LEE, Richard; DeVORE Irven (Eds.). *Man the hunter*. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

LEOPOLDI, José Sávio. Pesquisa antropológica e comunicação intercultural: novas discussões sobre antigos problemas. *Antropolítica*, n. 5, 1998.

_____. Liberdade, igualdade e propriedade em Locke, Ferguson e concomitantes considerações de ordem antropológica. *Episteme*, n. 8, 1999.

MARSHALL, Lorna. Marriage among !Kung Bushmen, Africa, v. 29, n. 4, 1959.

_____. !Kung Bushman bands. *Africa*, v. 30, n. 4, 1960.

_____. Sharing, talking and giving: relief of social tensions among the !Kung. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven (Eds.) *Kalahari hunter-gatherers – studies of the !Kung San and their neighbors*. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

MORRIS, Brian. Economy, affinity and inter-cultural pressure: notes around Hill Pandaram group structure. *Man*, v. 17, n. 3, 1982.

MURDOCK, George P. Discussions – Are the hunter-gatherers a cultural type? In: LEE, Richard B. e DeVORE, Irven (Eds.) *Man the hunter*. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

SAHLINS, Marshall. Stone age economics. London: Tavistock, 1974.

_____. A primeira sociedade da afluência. In: CARVALHO, Edgard A. (Org.) *Antropologia econômica*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

SERVICE, Elman. Os caçadores. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SHOSTAK, Marjorie. A !Kung woman's memories of childhood. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven. (eds.) Kalahari hunter-gatherers – studies of the !Kung San and their neighbors. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

_____. Nisa – the life and works of a !Kung woman. London: Penguin, 1983.

SILBERBAUER, George B. The G/wi Bushmen. In: BICCHIERI, M. G. (Ed.) Hunters and gatherers today – a socioeconomic study of eleven such cultures in the twentieth century. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

_____. Political process in G/wi bands. In: LEACOCK, Eleanor e LEE, Richard (Eds.) Politics and history in band societies. Cambridge: The University Press, 1989.

STANNER, W. E. H. Durmugam, a Nangiomeri. In: CASAGRANDE, Joseph B. (Ed.) In the company of man – twenty portraits of anthropological informants. New York: Harper Torchbooks, 1964.

THOMAS, Elizabeth M. The harmless people. 2. ed. New York: Vintage Books, 1989.

TONKINSON, Robert. Ideology and domination in Aboriginal Australia: a Western Desert test case. In: INGOLD, Tim; RICHES, David; WOODBURN, James (Eds.). Hunters and gatherers – property, power and ideology. New York: Berg, 1991, v. 2.

TURNBULL, Colin M. The forest people. New York: Simon & Schuster, 1968.

_____. Resolving conflicts by fission – Discussions; Does hunting bring happiness? – Discussions. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven (Eds.) Man the hunter. New York, Aldine de Gruyter, 1987.

TURNBULL, Colin. The mountain people. London: Pimlico, 1994.

WASHBURN, J.; LANCASTER, C. The evolution of hunting. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven (Eds.) Man the hunter. New York: Aldine de Gruyter, 1968.

WISSNER, Polly. Risk, reciprocity and social influence in !Kung San economics. In: LEACOCK, Eleanor e LEE R. (Eds.) Politics and history in band societies. Cambridge: The University Press, 1989.

WOODBURN, James. Ecology, nomadic movement and the composition of the local group among hunters and gatherers: an East African example and its implications. In: UCKO, Peter J.; TRINGHAM, R.; DIMBEY, G. (Eds.) Man, settlement and urbanism. Cambridge: Schenkman, 1972.

_____. Egalitarian societies. *Man*, v. 17, n. 3, 1982.

_____. Does hunting bring happiness? – Discussions. In: LEE, Richard B.; DeVORE, Irven (Eds.) Man the hunter. New York: Aldine de Gruyter, 1987.

_____. "Sharing is not a form of exchange": an analysis of property-sharing in immediate-return hunter-gatherer societies. In: HANN C. M. (Ed.) Property relations – renewing the anthropological tradition. Cambridge: The University Press, 1998.